



revista científica

LINKSCIENCEPLACE
interdisciplinar



Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2358-8411

Nº 2, volume 3, artigo nº 6, Abril/Junho 2016

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v3n2a6>

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM EM UMA INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE ENSINO

Alan Santiago Muri Gama¹

Graduando em Enfermagem

Márcio Ribeiro Oliveira²

Graduando em Enfermagem

Kamila Muller Beazussi³

Mestre em Enfermagem

Abel Santiago Muri Gama⁴

Mestre em Enfermagem

Resumo

A automedicação tem representado um importante problema de saúde. Sua prática pode levar a intoxicação, interações medicamentosas, dependência de medicamentos e resistência microbiana. Objetivou-se determinar a prevalência da prática de automedicação entre estudantes de enfermagem. O estudo transversal, foi realizado com 50 estudantes de enfermagem da Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana, Rio de Janeiro, com a aplicação de instrumento estruturado com perguntas fechadas. A prevalência de automedicação foi de 82,0%, e o problema de saúde mais referido foi a dor (85,5%). O motivo comumente relatado como gerador da prática da automedicação foi a percepção de que não seria preciso ir ao médico (61,0%). Entre os principais grupos terapêuticos, destacaram-se os analgésicos e antipiréticos 43,1%. O período em curso na graduação associou-se com a prática da automedicação ($p=0,050$). Conclusão: Nosso estudo apontou alta prevalência da automedicação em relação as demais pesquisas realizadas sobre o tema. Consideramos necessário, a partir destes achados, a inserção de conteúdos acerca do uso racional de medicamentos, sobretudo os riscos da automedicação, nas diferentes disciplinas que compõe a grade curricular do curso de enfermagem.

¹ Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana/Rio de Janeiro, email: alan.gama@yahoo.com.br

² Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana/Rio de Janeiro, email: marciribeiro40@hotmail.com

³ Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana/Rio de Janeiro, email: mullerkamila@bol.com.br

⁴ Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Saúde e Biotecnologia/Amazonas, email: abelsmg@hotmail.com

Palavras-Chave: Automedicação; Estudantes de Enfermagem; Educação em Enfermagem.

Abstract

Self-medication has been an important health problem. This practice can lead to poisoning, drug interactions, addiction to drugs and antimicrobial resistance. This study aimed to determine the prevalence of the practice of self-medication among nursing students. The cross-sectional study was conducted with 50 nursing students of the School San Carlos, Bom Jesus do Itabapoana, Rio de Janeiro, with the instrument application with closed questions. The prevalence of self-medication was 82.0%, and the problem more reported health was pain (85.5%). The commonly reported reason as a practical generator of self-medication was the perception that it would not need to go to the doctor (61.0%). Among the major therapeutic groups, stood out analgesics and antipyretics 43.1%. The current period graduation was associated with self-medication ($p = 0.050$). Conclusion: Our study showed high prevalence of self-medication compared with other research on the subject. We consider it necessary, from these findings, content insertion about the rational use of drugs, especially the risks of self in the different disciplines that make up the curriculum of the nursing course.

Keywords: Self-medication; Nursing students; Nursing Education.

Introdução

Na medida em que a humanidade evoluiu, novos medicamentos surgiram, o consumo aumentou, de forma a torná-los em grande parte, “sinônimo de saúde” (Telles Filho e Pereira Jr, 2013).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em âmbito mundial, mais de 50% dos medicamentos são prescritos, dispensados e vendidos inadequadamente, e mais de 50% dos países não implementam políticas básicas para promover uso racional de medicamentos (WHO, 2000).

Os medicamentos podem aliviar os sintomas de doenças, eliminar as causas de determinada enfermidade, agir na prevenção de doenças, além de auxiliar no diagnóstico de determinadas doenças, com contrastes radiológicos (WHO, 2000). No entanto, o uso incorreto dos medicamentos pode causar danos à população, como a resistência antimicrobiana, reações adversas a medicamentos e erros de medicação com possibilidade de intoxicações, dificuldades financeiras ao indivíduo ou família na aquisição de medicamentos desnecessários e mascaramento de doenças evolutivas (Brasil, 2010).

No Brasil, foram registrados em todo país no ano de 2010, 103.184 casos de intoxicação por diferentes causas, dos quais 26,8% compreenderam casos de intoxicação medicamentosa, constituindo-se como principal causa de intoxicação humana no país⁵.

A automedicação é um dos principais fatores que contribuem para o uso indiscriminado de medicamentos. Sua definição é caracterizada pela iniciativa de um indivíduo enfermo, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto, com a crença de benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas (Paulo e Zanine, 1998).

Os riscos potenciais da prática da automedicação para os usuários decorrem do fato que os mesmos não possuem conhecimento especializado dos princípios da farmacologia ou terapia, ou das características específicas do medicamento utilizado (WHO, 2000).

Neste sentido, diversos estudos têm sido conduzidos a nível mundial, a fim de identificar a magnitude da prática da automedicação, especialmente entre estudantes de graduação na área da saúde (Auta et al., 2012; Kumar et al., 2013; Badiger et al., 2012; Galato et al., 2012; Banerjee e Bhadury, 2012; Souza et al., 2011; Santos et al., 2012).

Um estudo realizado no Norte da Índia com (n=119) graduandos de enfermagem revelou prevalência de automedicação (88,24%), praticada principalmente para melhoria de dores de cabeça e febre. Os medicamentos mais utilizados neste estudo foram respectivamente o paracetamol, analgésicos e antibióticos, e a principal razão para praticar a automedicação foi a facilidade de se automedicar, já a fonte mais comum de informação sobre o medicamento foi o farmacêutico (Goel e Gupta, 2013).

No Brasil, em estudo realizado em uma universidade pública de Goiás com (n=211) graduandos de enfermagem, apontou que 38,8% dos indivíduos praticavam a automedicação, tendo como principal fator determinante para esta prática, os próprios estudantes e a falta de tempo para ir ao médico. O medicamento mais utilizado na automedicação foi a dipirona (Souza et al., 2011).

⁵FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento (Casos Registrados de Intoxicação Humana, de Intoxicação Animal e de Solicitação de Informação por Agente Tóxico). Brasil, 2010a. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/media/b4.pdf>. [Acesso em: 14 fev 2014].

Em outro estudo realizado em uma universidade particular de São Paulo com (n=89) graduandos de enfermagem, indicou que 65,17% dos estudantes praticavam a automedicação, e que quase a metade destes graduandos (43,82%) indicavam medicamentos para outras pessoas. O grupo de medicamentos mais consumido neste estudo foram os analgésicos, justificando seu uso pelo conhecimento da patologia acometida (Santos et al., 2012).

Os estudantes de enfermagem manuseiam vários tipos de medicamentos durante os estágios em disciplinas práticas, e assim possivelmente tem seu acesso facilitado a medicamentos, isto poderia favorecer a prática da automedicação. Portanto, o estudo teve como objetivo determinar a prevalência da prática de automedicação entre graduandos de enfermagem de uma instituição privada de ensino.

Método

Trata-se de um estudo transversal realizado com alunos do curso de graduação em enfermagem, da Faculdade São Carlos, no município de Bom Jesus do Itabapoana, Rio de Janeiro, no período de setembro a novembro de 2014.

Utilizou-se uma amostra não probabilística com 50 estudantes de enfermagem, totalizando 53,8% dos alunos regularmente matriculados no curso de graduação. Foram incluídos no estudo os indivíduos que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e que haviam consumido algum medicamento nos últimos 30 dias.

Para coleta de dados utilizou-se questionário composto por variáveis sociodemográficas e dados relativos à prática de automedicação. A aplicação deste instrumento ocorreu nos intervalos entre as aulas. Para determinar a variável dependente foi utilizada a seguinte questão “O(s) medicamento(s) que você utilizou nos últimos 30 dias foram sob prescrição médica?”, nos casos em que as respostas foram negativas, considerou-se a automedicação.

A análise dos dados foi realizada por meio do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) 16.0. As variáveis contínuas foram analisadas conforme suas características de distribuição, por medidas de tendência central e de variabilidade. Já as variáveis categóricas, foram analisadas pelo número e percentual conforme o caso e para identificar possíveis associações entre a variável

dependente (automedicação) com as demais variáveis independentes aplicamos o teste Qui-quadrado de Pearson ou de Fisher conforme o caso. O nível de significância foi de 5% com intervalo de confiança de 95%.

Resultados

O perfil dos estudantes de enfermagem demonstrou que a maioria dos participantes do estudo eram do sexo feminino (80,0%). A faixa etária com maior número de participantes foi entre 18 e 29 anos (48,0%). Com relação ao período da graduação em curso, 38,0% dos estudantes cursavam do primeiro ao quarto período, os demais cursavam entre o quinto ao décimo período. O período em curso na graduação associou-se com a prática da automedicação ($p=0,050$) (Tabela 1).

Tabela 1. Prática da automedicação segundo perfil sócio-demográfico e período em curso na graduação entre estudantes de enfermagem, Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana – Rio de Janeiro - 2014.

Itaboraí - Rio de Janeiro - 2014.							
Variáveis	Automedicação						Valor de p*
	Sim		Não		Total		
	n (41)	(%)	n (9)	(%)	n (50)	(%)	
Sexo							
Masculino	8	19,5	2	22,2	10	20,0	0,584
Feminino	33	80,5	7	77,8	40	80,0	
Faixa etária (anos)							
18 – 29	22	53,7	2	22,2	24	48,0	0,265
30 – 39	11	26,8	5	55,6	16	32,0	
40 - 49	6	14,6	1	11,1	7	14,0	
50 ou mais	2	4,9	1	11,1	3	6,0	
Companhia							

Vive só	4	9,8	0	0,0	4	8,0	0,440
Acompanhado	37	90,2	9	100,0	46	92,0	

Renda Individual
(salário mínimo**)

1 salário	18	43,9	2	22,2	20	40,0	0,278
2 a 4 salários	9	22,0	1	11,1	10	20,0	
≥ 5 salários	1	2,4	1	11,1	2	4,0	
Não soube informar	13	31,7	5	55,6	18	36,0	

Período

1º a 4º	18	43,9	1	11,1	19	38,0	0,050
5º ao 10º	23	56,1	8	88,9	31	62,0	
Total	41	82,0	9	18,0	50	100,0	

* Teste do Qui-quadrado (< 0,050); ** Salário mínimo no Brasil referente ao mês de novembro de 2014 em reais (R\$ 724,00).

Entre os principais problemas de saúde que levaram a prática da automedicação, 85,5% dos estudantes relataram dor, que incluiu dores de cabeça, abdominais e cólicas, 4,9% referiram problemas gastrointestinais, e entre os demais percentuais estavam a febre (3,2%), resfriado (3,2%) e infecções.

Os motivos que levaram a prática da automedicação, 61,0% dos estudantes relataram que não seria preciso ir ao médico devido a seu conhecimento sobre os medicamentos, 17,1% apontaram a falta de tempo para consultar um médico, 12,1% a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e 9,8% prescrições anteriores. Entre as influências que levaram aos estudantes a se automedicar, 43,9% apontaram prescrições anteriores, parentes/amigos e conhecimento sobre os medicamentos utilizados, ambos com 19,5%, propaganda com 14,3% e 2,5% foram influenciados por profissionais não habilitados. Com relação ao questionamento de onde os estudantes adquirem informações sobre os medicamentos, 70,7% relataram por

meio da leitura da bula, 19,5% através dos profissionais de saúde, 7,3% por meio de mídias/internet e 2,5% entre parentes/amigos/vizinhos (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição dos percentuais dos motivos que levaram a automedicação, influências da automedicação e informações sobre os medicamentos, entre estudantes de enfermagem, Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana – Rio de Janeiro - 2014.

Estudantes de Enfermagem		
Variáveis	n	(%)
Motivos para a automedicação		
Não foi preciso ir ao médico	25	61,0
Falta de tempo	7	17,1
Dificuldade no acesso aos serviços de saúde	5	12,1
Prescrições anteriores	4	9,8
Influências na automedicação		
Prescrições antigas	18	43,9
Familiares ou amigo	8	19,5
Conhecimento próprio	8	19,5
Propaganda	6	14,6
Profissional não habilitado	1	2,5
Procura informações sobre medicamentos		
Bula	29	70,7
Profissional de Saúde	8	19,5
Mídias/Internet	3	7,3
Parente/Amigo/Vizinho	1	2,5

Dentre os grupos terapêuticos consumidos incluíram-se os Analgésicos/Antipiréticos (43,1%), anticoncepcionais (10,5%), anti-inflamatórios (9,5%), antibióticos (7,4%), controlados (6,3%) e anti-ulcerosos (5,3%) (Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição percentual dos grupos de medicamentos consumidos por meio da automedicação entre estudantes de enfermagem, Faculdade São Carlos, Bom Jesus do Itabapoana – Rio de Janeiro - 2014.

Grupo de medicamentos	N	(%)
Analgésicos/Antipiréticos	41	(43,1)
Anticoncepcionais	10	(10,5)
Anti-inflamatórios	9	(9,5)
Antibióticos	7	(7,4)
Controlados	6	(6,3)
Anti-ulcerosos	5	(5,3)
Outros	17	(17,9)

Discussão

A automedicação tem se apresentado como um importante problema de saúde em todo o globo.

Nosso estudo apontou prevalência elevada da automedicação, considerando outros estudos realizados em universidades brasileiras com estudantes de enfermagem que indicaram prevalências de 38,8% (Souza et al., 2011) e 61,1% (Santos et al., 2012).

Nosso estudo foi composto por maior percentual de estudantes do sexo feminino, característica singular dos cursos de enfermagem (Souza et al., 2011; Santos et al., 2012; Goel e Gupta, 2013). O maior percentual de estudantes do sexo feminino que se automedicaram, poderia ser explicado em parte, pela maior exposição das mulheres à medicalização em todas as fases de sua vida (Aquino et al., 2010), além das mesmas direcionarem maior cuidado de saúde, em relação aos homens, favorecendo a automedicação (Silva et al., 2013).

O estudo apontou associação entre o período em curso com a prática da automedicação, corroborando com estudo realizado com estudantes de enfermagem (Souza et al., 2011). Durante os primeiros períodos do curso de enfermagem, os estudantes não desenvolvem disciplinas práticas com frequência e autonomia, quando comparados aos períodos mais avançados do curso, apesar de serem introduzidos conhecimentos sobre medicamentos durante os períodos iniciais do curso, na disciplina de farmacologia. Neste sentido, acreditamos que com o avançar dos períodos durante a graduação em enfermagem, os estudantes tendem a acumular conhecimento, tornando-os confiantes, ao ponto de praticar a automedicação (Souza et al., 2011). Esta conjectura, é reforçada com os nossos achados que apontaram como principal motivo que levou os estudantes a prática da automedicação, foi por acreditarem não ser preciso ir ao médico devido a seu conhecimento sobre os medicamentos.

A dor em geral prevaleceu entre os problemas de saúde que levaram os estudantes a se automedicar, em acordo com o consumo de analgésicos, grupo de medicamentos utilizados em nosso estudo, em consonância com estudo realizado entre estudantes de enfermagem da Índia (Goel e Gupta, 2013) e entre estudantes universitários do Irã (Sarahroodi et al., 2010). O uso frequente de analgésicos constitui uma prática comum, aparentemente inofensiva, que no entanto, dependendo da dosagem, pode levar a intoxicação (Aquino et al., 2010). A indústria de medicamentos oferece inúmeros produtos para o controle da dor, dos quais geralmente são classificados como medicamentos de venda livre (OTC), comercializados nos balcões das drogarias e farmácias. Fica o alerta pelo risco de mascaramento de doenças evolutivas das quais se manifestam por meio da dor, o que é mascarado pelo uso indiscriminado de medicamentos para dor, retardando o diagnóstico da doença.

Observamos a utilização de antibióticos sem prescrição, apesar deste grupo de medicamentos serem vendidos sob prescrição médica com retenção da prescrição pela instituição de venda.

A utilização de prescrições anteriores constituiu-se como a principal influência que levou os estudantes a se automedicarem. Consideramos que tal achado pode revelar a falsa impressão de segurança em utilizar prescrições anteriores, talvez algumas vezes bem sucedidas no tratamento de doenças, no entanto, como as doenças muitas vezes apresentam sinais e sintomas parecidos, é possível que os

estudantes estejam utilizando tais prescrições de forma incorreta, sem o conhecimento de sua patologia atual.

A leitura da bula dos medicamentos, constituiu-se com a principal fonte de informação dos medicamentos em nosso estudo, assim como em outro estudo realizado entre acadêmicos de medicina (Masson et al., 2012). As informações sobre medicamentos têm sido facilitadas tanto na bula impressa, quanto em meios digitais com auxílio da internet, entretanto, as informações contidas nas bulas, apresentam termos técnicos desconhecidos por grande parte dos estudantes de enfermagem, principalmente os que estão nos períodos iniciais do curso de graduação, o que poderia levar ao consumo de medicamentos por meio da automedicação com a falsa impressão de que os mesmos estariam sendo empregados da forma correta.

Nosso estudo apresentou limitações quanto ao tempo recordatório utilizado para esta pesquisa, possibilitando a ocorrência de vieses de memória. Entretanto, considerando outros estudos sobre o tema, acreditamos que tenha sido suficiente para minimizar este problema. Outro aspecto preponderante, foi a utilização de uma amostra não probabilística no estudo, apesar de terem sido estudados 53,8% dos graduandos de enfermagem da instituição.

Conclusão

A prevalência da automedicação foi elevada entre os graduandos de enfermagem estudados, considerando as pesquisas realizadas sobre o tema.

Embora os estudantes de enfermagem não possuam habilitação para prescrever medicamentos durante e após a conclusão de seu curso de graduação, a auto prescrição entre estes indivíduos mostrou-se corriqueira em nosso estudo.

Neste sentido, acreditamos ser importante a inserção de tópicos com assuntos relativos ao uso racional de medicamentos não somente nas disciplinas de farmacologia, como também a sua inserção nas disciplinas transversais do curso, das quais os estudantes comumente têm o contato direto com medicamentos, na administração destes produtos aos pacientes. Desta forma, talvez seja possível a melhor conscientização deste público, dos quais poderão por meio da educação em saúde, disseminar a prática segura do uso de medicamentos.

Referências

Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2010; 15(5):2533-2538.

Auta A, Omale S, Folorunsho TJ, David S, Banwat SB. Medicine Vendors: Selfmedication Practices and Medicine Knowledge. *North Am J Med Sci*. 2012;4(1): 24-8.

Badiger S, Kundapur R, Jain A, Kumar A, Patanashetty S, Thakolkaran N, et al. Selfmedication patterns among medical students in South India. *AMJ*. 2012;5(4):217-220.

Banerjee I, Bhadury T. Self-medication practice among undergraduate medical students in a tertiary care medical college, West Bengal. *J Postgrad Med*. 2012;58(2):127-131.

Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. O que devemos saber dos medicamentos. Brasília: 2010.

Galato D, Madalena J, Pereira GB. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2012; 17(12):3323-3330.

Goel D, Gupta S. Self-medication patterns among nursing students in North India. *IOSR Journal of Dental and Medical Sciences (IOSR-JDMS)*. 2013; 11(4):14-17.

Kumar N, Kanchan T, Unnikrishnan B, Rekha T, Mithra P, Kulkarni V, et al. Perceptions and practices of self-medication among medical students in Coastal South India. *PLoS ONE*. 2013;8(8):e72247.

Masson W, Furtado PL, Lazarini CA, Conterno, LO. Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*. 2012; 14(4):82-89.

Paulo LG, Zanine AC. Automedicação no Brasil. *Rev Ass Med Bras*. 1988;34:69-75.

Santos B, Souza LG, Delgado NM, Torres WO. Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem. *J Health Sci Inst*. 2012; 30(2):156-60.

Sarahroodi S, Maleki-Jamshid A, Sawalha AF, Mikaili P, Safaeian L. Pattern of self-medication with analgesics among Iranian University students in central Iran. *J Family Community Med*. 2012; 19(2):125–129.

Silva JAC, Gomes AL, Oliveira JPS, Sasaki YA, Maia BTB, Abreu BM. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Rev Bras Clin Med*. 2013;11(1):27-30.

Souza LAF, Silva CD, Ferraz GC, Faleiros Sousa FAE, Pereira LV. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]*. 2011;

[acesso em: 27 nov 2014];19(2):[07 telas]. Disponível em: file:///C:/Users/Abel/Downloads/4312-6405-1-PB.pdf

Telles Filho PCP, Pereira Júnior AdC. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. Esc Anna Nery (online). 2013;17(2):291-7.

WHO. World Health Organization. Medicines: rational use of medicines. Fact sheet nº338. 2001. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs338/en/print.html>>. Acesso em: 10 out 2014.